REVISTA ERR01 ISSN: 2595-1378

DESLIZAMENTOS METONÍMICOS E METAFÓRICOS EM *MEMORIAL DE MARIA MOURA,* DE RACHEL DE QUEIROZ: O OCULTO POR DETRÁS DOS NOMES

METONYMIC AND METAPHORICAL SLIPS IN *MEMORIAL DE MARIA MOURA*, BY RACHEL DE QUEIROZ: THE HIDDEN BEHIND THE NAMES

DESLIZA METONÍMICOS Y METAFÓRICOS EN *MEMORIAL DE MARIA MOURA*, DE RACHEL DE QUEIROZ: LO OCULTO TRAS LOS NOMBRES

https://doi.org/10.56238/ERR01v10n4-028

Maria José Pereira Gomes
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL)
Instituição: Universidade Católica de Pernambuco
E-mail: maria.2020800128@unicap.br

RESUMO
Este artigo tem como proposta basilar discorrer sobre os deslizamentos linguísticos relativos aos nomes próprios no romance *Memorial de Maria Moura,* da escritora cearense Rachel de Queiroz. Último romance da escritora, lançado em 1992. Nele, encontramos a figura da protagonista Maria Moura, uma mulher que aprendeu mediante a aspereza da vida a ser "dura", pois saiu da condição de figura frágil sinhazinha à Dona ("título" do qual se autodenominava/se orgulhava). Ademais, destacamos que, em nossa análise, convocamos os estudos linguísticos a partir de Saussure, Benveniste, e, especialmente, do polímata russo Roman Jakobson e da psicanálise de Jacques Lacan. Observaremos, assim, o deslizamento dos significantes metafóricos (similaridade) e metonímicos (contiguidade) propostos por Jakobson em *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, coadunados com os campos citados. Um estudo que se propõe a um olhar multidisciplinar cujo objeto de pesquisa é uma obra do acervo de nossa literatura a fim de observarmos o que os significantes (nomes) ocultam. Vale salientar que Jakobson defende em *Linguística e poética* que a poética (literatura) é um autêntico objeto de estudo da ciência da linguagem, fechar os olhos para isso em uma dicotomia inconsequente, um anacronismo epistemológico.

Palavras-chave: Memorial de Maria Moura. Curso de Linguística Geral. Processos Metafóricos e Metonímicos. Psicanálise Lacaniana.

ABSTRACT
This article's basic proposal is to discuss the linguistic slippages related to proper names in the novel "*Memorial de Maria Moura*," by Ceará-born writer Rachel de Queiroz. This is the writer's last novel, published in 1992. In it, we encounter the protagonist Maria Moura, a woman who learned through the harshness of life to be "tough," having gone from being a fragile sinhazinha (little lady) to Dona (a title she called herself/was proud of). Furthermore, we emphasize that, in our analysis, we draw on linguistic studies from Saussure, Benveniste, and, especially, the Russian polymath Roman Jakobson, and the psychoanalysis of Jacques Lacan. We will thus observe the slippage of metaphorical (similarity) and metonymic (contiguity) signifiers proposed by Jakobson in "*Two Aspects of Language*

and Two Types of Aphasia," in line with the aforementioned fields. This study proposes a multidisciplinary approach, focusing on a work from our literary collection, to observe what signifiers (nouns) conceal. It is worth noting that Jakobson argues in *Linguistics and Poetics* that poetics (literature) is a genuine object of study for the science of language. Turning a blind eye to this is an inconsequential dichotomy, an epistemological anachronism.

Keywords: Maria Moura's Memorial. General Linguistics Course. Metaphorical and Metonymic Processes. Lacanian Psychoanalysis.

RESUMEN

La propuesta básica de este artículo es analizar los desajustes lingüísticos relacionados con los nombres propios en la novela "*Memorial de Maria Moura*", de la escritora cearense Rachel de Queiroz. Esta es la última novela de la escritora, publicada en 1992. En ella, nos encontramos con la protagonista, Maria Moura, una mujer que aprendió a ser "dura" a través de la dureza de la vida, tras haber pasado de ser una frágil sinhazinha (pequeña dama) a Dona (título del que se enorgullecía). Además, destacamos que, en nuestro análisis, nos basamos en estudios lingüísticos de Saussure, Benveniste y, especialmente, del erudito ruso Roman Jakobson, así como en el psicoanálisis de Jacques Lacan. Así, observaremos el desajuste de los significantes metafóricos (similitud) y metonímicos (contigüidad) propuestos por Jakobson en "*Dos aspectos del lenguaje y dos tipos de afasia*", en consonancia con los campos mencionados. Este estudio propone un enfoque multidisciplinario, centrado en una obra de nuestra colección literaria, para observar lo que ocultan los significantes (sustantivos). Cabe destacar que Jakobson argumenta en *Lingüística y Poética* que la poética (literatura) es un auténtico objeto de estudio para la ciencia del lenguaje. Ignorar esto es una dicotomía intrascendente, un anacronismo epistemológico.

Palabras clave: Memorial de Maria Moura. Curso de Lingüística General. Procesos Metafóricos y Metonímicos. Psicoanálisis Lacaniano.

ISSN: 2595-1378

1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a natureza do signo linguístico constitui um dos fundamentos da linguística moderna, tendo em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste dois de seus principais interlocutores. Em *Curso de Linguística Geral* (2008), Saussure propõe a concepção do signo como arbitrário, ou seja, a relação entre o conceito e a imagem acústica não é natural, mas fruto de uma convenção social. Segundo o autor, a crítica à linguagem emerge quando esta é reduzida a uma mera nomenclatura — uma lista de nomes que corresponderiam a ideias preexistentes. Contrariando essa visão, Saussure afirma que "não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua" (CLG, 2008, p. 130), destacando a língua como um sistema autônomo de valores.

Benveniste, por sua vez, ao retomar a teoria do signo linguístico em 1939, reafirma a arbitrariedade como princípio fundamental, ainda que em sua época tal ideia não fosse plenamente desenvolvida. Concordando com Saussure quanto à (i) mutabilidade do signo — imutável por ser arbitrário e mutável por ser suscetível à mudança —, Benveniste propõe, contudo, uma releitura crítica ao questionar a natureza dessa arbitrariedade. Para ele, a realidade desconsiderada por Saussure deve ser incorporada à definição do signo, uma vez que a língua não se limita a um sistema fechado, mas relaciona-se diretamente com a experiência do sujeito.

Já, Roman Jakobson, considerado pelo linguista, tradutor e poeta Haroldo de Campos, como o "poeta da linguística" (alcunha recebida por defender que a poética é também matéria de estudo da ciência linguística). Tal defesa está elencada especialmente em seu artigo *Linguística e poética*. Jakobson era em síntese um polímata no universo da língua (gem) uma vez que não se circunscreveu apenas a determinada área, mas foi um amante da linguagem e das artes. Sempre à roda de intelectuais e artistas, soube captar a relação do homem com a linguagem em variadas estâncias. Perscrutou a antropologia, o estruturalismo linguístico, a poética, a tradução, o cinema, a teoria da comunicação, a psicologia e a neurologia etc.

2 PENSAMENTO LINGUÍSTICO DE FERDINAND DE SAUSSURE

Esta seção dedicada a face linguística de nossos estudos, Saussure, no início do século XX, distingue língua e fala como proposta para um estudo científico da linguagem, trazendo a linguística como objeto de estudo, considerando a língua um sistema de signos, caracterizado por apresentar, na relação entre as suas formas, uma homogeneidade interna. A proposta de Saussure para que os estudos linguísticos aconteçam de forma sincrônica, à distinção língua e fala e a definição da língua como um sistema de signos, o teórico genebrino faz com que as relações da língua com o mundo e com o sujeito não despertem nenhum interesse, como também que os estudos da linguagem tomem um caminho novo de forma que surjam outras direções.Como ciência-piloto das ciências humanas, a Linguística

ISSN: 2595-1378

Estruturalista de Ferdinand de Saussure tinha condições de fornecer as ferramentas essenciais para análise da língua. Para Mussalim e Bentes (2001), a Linguística saussuriana é fundada sobre a dicotomia língua/fala, sendo a língua concebida como abstrata e sistêmica, daí ser objetiva a sua apreensão; já a fala, varia de acordo com os diversos falantes, estes selecionam uma parte do sistema da língua para o seu uso em situações de comunicação. (Mussalim; Bentes, 2001, p. 105). É através do funcionamento das faculdades receptivo e coordenativo, nos indivíduos falantes, que se formam as marcas que chegam a ser, praticamente, as mesmas em todos, segundo o CLG (2008):

> A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação. A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações (CLG, 2008, p. 22).

Quanto aos caracteres da língua, o CLG (2008) assinala que:

> 1º Ela é um objeto definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Por ouro lado, o indivíduo tem necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila. A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve.
> 2º A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. Não falamos mais as línguas mortas, mas podemos muito bem assimilar-lhes o organismo linguístico. Não só pode a ciência da língua prescindir de outros elementos da linguagem como só se torna possível quando tais elementos não estão misturados.
> 3º Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.
> 4º A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro (...) (CLG, 2008, p. 22-23).

Nossa pesquisa de Saussure voltou-se para itens como signo, significante, significado, língua, fala, sincronia, diacronia, relações sintagmáticas, relações associativas. Saussure procurava estruturar seus conceitos em forma de dicotomias, isto é, em forma de divisão classificatória que compreende só dois termos. A dicotomia significante/significado é importantíssima para a explicação do signo4. Com efeito, na constituição do signo, - ou melhor, dos signos de uma língua determinada - a imagem dos sons de uma palavra, gravada na mente do falante se une inseparavelmente a um conceito ou ideia: isso quer dizer que um. um objeto linguístico dotado simultaneamente de forma e sentido.

O conceito de signo linguístico foi introduzido, no século XX, pelo linguista suíço Ferdinand

de Saussure, em cujo sistema tem um papel crucial. Esse conceito é muito simples: todo objeto linguístico tem dois aspectos, ou facetas: uma forma linguística – chamada por Saussure de *significant*, isto é, significador – e um sentido – o *signifié*, ou coisa significada. (Dicionário de Linguagem e Linguística, 2006) significante se une a um significado. Essa união é arbitrária5 – poderia ter sido diferente – mas, depois de estabelecida pela tradição, não pode ser alterada livremente pelo falante. Saussure continuou sua pesquisa, partindo para a junção (sintagmas) de signos ou para a possibilidade de sua substituição na linguagem.

A Linguística saussuriana definia o signo como a relação entre o significado e o significante, conceito e imagem acústica. Para o teórico, existe um duplo vínculo que une um nome a uma coisa. A unidade linguística é constituída da união de dois termos que juntam, não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. Conceito e imagem acústica são termos substituíveis por significado/significante e estão interligados de tal forma que um não existe sem o outro. O signo linguístico é arbitrário, por não haver relação alguma entre a palavra que nomeia e a coisa nomeada.

Saussure define o signo linguístico à luz de alguns princípios para o estudo da ordem, é o que se apresenta como a arbitrariedade do signo, a associação de um significante a um significado é arbitrária, nesse sentido, a palavra arbitrária não quer dizer que o significado dependa da livre escolha do falante: não cabe ao indivíduo modificar coisa alguma no signo, desde que o mesmo já esteja estabelecido por consenso num determinado grupo; o segundo princípio está na linearidade do significante, que, por sua natureza auditiva, o significante desenvolve-se no tempo, dessa forma, é uma linha no tempo, quando sonoro, e uma linha no espaço, quando passível de leitura.

De acordo com o CLG (2008, p. 81):O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário. Para definir o conceito de língua, Saussure opera com certo número de filtros que distinguem elementos internos e os elementos externos.

Ausência de qualquer conexão necessária entre a forma de uma palavra e seu significado. (Dicionário de Linguagem e Linguística, 2006) organismo, a seu sistema, eliminando todas as causas e determinações exteriores que podem afetar a língua. A considerar a língua como sistema, Saussure produz um efeito de desconstrução do sujeito livre e consciente que aparecia na reflexão das ciências humanas em fins do século XIX, em que, segundo Domingues (1991): A divisa da antropologia do homem-máquina era: se não podemos situar o homem na natureza (afinal, ele era dotado de um princípio interior de afirmação de seu ser: a alma), façamos então o inverso – incluamos a natureza no homem. (Domingues, 1991, p. 39-40).

A propósito da Linguística apresentada por Saussure, mestre fundador da Ciência da

ISSN: 2595-1378

Linguagem, estabelece-se uma oposição à Linguística de sua época, preocupada assim, com uma linguística externa, esta, preocupada com a questão geográfica da língua, pois conforme consta no CLG (2008):

> (...), tudo o que se relaciona com a extensão geográfica das línguas e o funcionamento dialetal revela da Linguística externa. Sem dúvida, é nesse ponto que a distinção entre ela e a Linguística interna parece mais paradoxal, de tal modo o fenômeno geográfico está intimamente associado à existência de qualquer língua; entretanto, na realidade, ele não afeta o organismo interno do idioma (CLG, 2008, p. 30).

Nesse sentido, como todos os cientistas de sua época, Saussure procura dar conta de seu método e de seu objeto de análise, considerando aspectos da língua, o teórico genebrino iniciou o seu trabalho ancorando-se na tríade das definições: linguagem, língua e fala. De maneira que, o conceito de um implicava necessariamente o de outro.

A protagonista Maria Moura, de Raquel de Queiroz é, a todo momento, atravessada pelo discurso do *Pai.* O elo entre filha/pai é norteado quase sempre por sentimentos de admiração e respeito; sejam em pensamento ou em palavras, as ações se concretizam. É a força do discurso paterno a maior responsável pela elaboração das proezas de Maria Moura. Sobremaneira, a protagonista é movida pela admiração que tem pelo *Pai,* simplesmente pelo fato de ser própria dele o *Pai.*

Passando da noção de Língua para a de Sujeito, em Saussure, é necessário, mesmo sabendo que o sujeito saussuriano está excluído internamente, é preciso delimitar, na Língua, um lugar de falta. Conforme Milner (1987), ao falar na língua, o sujeito não estará ausente dela e, complementando esse dizer, o autor apresenta a relação do linguista com a língua, assim:

> A relação do liguista à sua própria língua é estruturalmente desdobrada. Ele se atém ao ponto onde o não-todo deve ser projetado no todo. Ele está sempre em condições de imaginar um significante que preencheria a falta da língua e a faria toda, digamos, uma palavra-mestra. (...) quanto ao sujeito que primeiro profere a palavra-mestra, ele está, por isso mesmo, em posição de mestre e sua pessoa sozinha basta para atestar àqueles que o ouvem que a falta se encobre. (MILNER, 1987, p. 28)

Dessa forma, isso levaria a pensar de que maneira a psicanálise contribuiria para o campo da linguística, como por exemplo, o fato de um sujeito tomar a palavra e, ao fazê-lo, não se lance com a fonte de seu dizer. Dito, sobre a falta de um sujeito e a sua exclusão, estas são questões sempre retomadas e a companhará teóricos, como Roman Jakobson e Èmile Benvaniste, sempre a procura de inscrever-se na língua. Desse modo, surgiu o estruturalismo que, conforme Milner (1987):

> Esta união consubstancial da linguística e do signo autoriza-se de um fiador único, e indescutível no essencial: o Curso de Saussure. Neste caso, o estruturalismo, tal como é

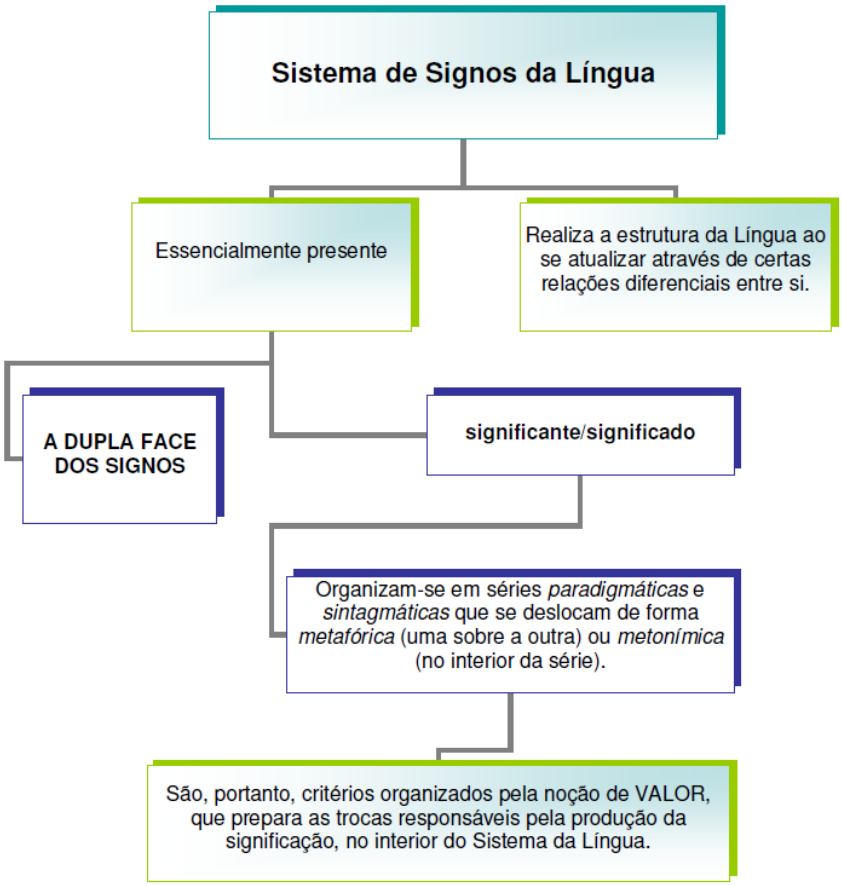
> entendido aqui, volta a afirma isto: toda linguística é por definição saussuriana (Milner, 1987, p. 32).

A partir do conceito de signo, Saussure, em conformidade com o modelo estrutural, construiu a ciência linguística que, para Milner (1987) esse método prevalece assim:

a) Há um axioma, mínimo absoluto, e ele é evidente: "a língua é um sistema de signos";
b) Há um conceito primitivo, e ele é evidente: o conceito de signo.

Dessa forma, permitindo-lhe definir uma norma que assegure determinar os elementos pertencentes ao sistema, ou não, o conceito de signo é a própria expressão da teoria linguística saussuriana. Assim, a estrutura, em Saussure, vai operar sobre a Língua, ou seja, especificamente sobre como o mestre genebrino define essa Língua através do axioma sobre o objeto: A Língua é um Sistema de Signos. Em vista disso, o modo do pensamento saussuriano deve ser definido, então, pela ação da estrutura sobre seus axiomas, conforme diagrama a seguir:

Figura 1



Fonte: A autora

ISSN: 2595-1378

3 ROMAN JAKOBSON E O LEGADO SAUSSURIANO DOS EIXOS ASSOCIATIVOS E SINTAGMÁTICOS PARA AS METÁFORAS E METONÍMIAS

Nesta seção, discorremos sobre a relação de Jakobson com a poética (literatura), evidenciaremos a influência do legado de Ferdinand de Saussure para o desenvolvimento dos processos jakobsianos relativos à metáfora (similaridade) e a metonímia (contiguidade) em especial nos debruçaremos na exposição desses processos no texto intitulado *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* no qual esses processos foram estudados por esse linguista russo, como já exposto, a partir das análises das falas de afásicos. Direcionaremos esses processos a partir de uma análise de um texto da literatura nacional.

De acordo com Blikstein (1988), a essência do pensamento linguístico de Jakobson pode ser rastreada a partir de sua participação nas atividades do Círculo Linguístico de Moscou. Círculo esse que nasceu da preocupação de jovens intelectuais russos da década de 1910-1920 com o aspecto simbólico do som na poesia. Esses jovens voltavam-se, com especial atenção, para a substancialidade do poema, para a sua arquitetura formal, por assim dizer, razão pela qual foram depreciativamente chamados de *formalistas* pelos que defendiam um rígido sociologismo no campo dos estudos literários.

Blikstein (1988) ainda discorre que o epíteto *formalista* foi aceito desafiadoramente pelos integrantes do *Círculo*, que, todavia, nada tinham de *formalistas* no sentido pejorativo da palavra: malgrado sua preocupação com o elemento sonoro na estrutura poética, jamais eles aceitaram a velha dicotomia entre forma e conteúdo; bem ao contrário, viam no poema uma forte hierarquia unificadora de funções, dentro da qual o som se vinculava ao sentido.

Assim, segundo Fonte (2010), anteriormente a Jakobson, a ideia subjacente à metáfora e à metonímia para explicar o funcionamento da língua foi estudada por Saussure, através das relações associativas e sintagmáticas. O que pode ser observado no próprio CLG, no qual de acordo com as ideias de Saussure, os eixos dessas relações correspondem às duas formas de atividade mental humana, as quais são indispensáveis ao funcionamento da língua. Essas relações são concebidas por Saussure (2012):

a) As relações associativas ou paradigmáticas não têm base à extensão, sua sede está no cérebro, elas fazem parte do "tesouro interior" que constitui a língua de cada indivíduo. Por estarem numa série mnemônica virtual, elas estão *in absentia.* Constituem, assim, as possibilidades de que dispõe o falante no ato comunicativo.

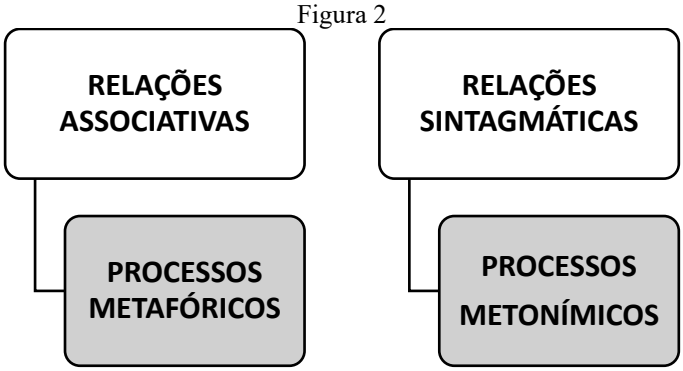
b) As relações sintagmáticas existem *in praesentia*, repousam em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Constituem o ato de escolha combinatória da sequência pelo falante.

ISSN: 2595-1378

Acrescenta Blikstein (1988) que, no texto intitulado, *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, encontramos o que de mais original produziu talvez o pensamento linguístico de Jakobson: o seu notável aprofundamento dos conceitos de metáfora e metonímia. Pois, ele partindo da observação dos distúrbios da fala nos afásicos, estabelece uma nova distinção entre os diferentes tipos de afasia. À distinção clínica de afasia de emissão e de recepção, Jakobson contrapõe as afasias de substituição e associação.

Ademais, Jakobson (1988) afirma que toda expressão metafórica se faz pela substituição de paradigmas, ao passo que a expressão metonímica deriva da associação de paradigmas a formar sintagmas. Portanto, isso se trata de uma ampliação das noções de similaridade e contiguidade. Em síntese, Jakobson utilizou os estudos saussurianos sobre o significante a fim embasar seu interesse nas relações metafóricas (similaridade) e metonímicas (contiguidade). Segue uma ilustração sobre a relação dos eixos estudados por Saussure (associativas e sintagmáticas) e os empregados nos estudos se Jakobson (metáfora e metonímia):

Figura 2



Fonte: A autora

4 O INCONSCIENTELACANIANO

O conceito de inconsciente abordado por Lacan diz que, se há uma ciência piloto, esta será a linguística, através da qual, conceitos que visem à construção e ao resgate do corpo teórico da Psicanálise podem ser adotados. Convencionalmente, chama-se Campo da Linguagem o aporte teórico lacaniano que traz a grande sentença: “o inconsciente é estruturado como linguagem”, com isso, Lacan não afirma que o inconsciente é linguagem, no entanto há regras estruturais que são comuns tanto ao inconsciente quanto à linguagem. Talvez seja esse um considerável avanço na psicanálise, ou seja, apresenta um inconsciente dinâmico estruturado e, sobremaneira, oferece condições para que esse possa concebê-lo como uma cadeia de significantes que deslizam e não como um lugar estático, de coisas dadas e prontas.

Num retorno a Feud, Lacan buscou formalizar assim, a psicanálise, ancorando-se, especialmente, em dois modelos freudianos: um ligado à linguística, o qual pode restituir fala o seu

ISSN: 2595-1378

lugar na experiência analítica; e outro ligado à antropologia, que postulou o simbólico também como experiência humana para além do real e imaginário. Para tanto, Lacan (1966) pontua ainda mais esta questão quando diz que:

> Nosso retorno a Freud tem um sentido completamente diferente por dizer respeito à topologia do sujeito, a qual só se elucida numa segunda volta sobre si mesmo si mesma. Tudo deve ser redito numa outra face para que se feche o que ela encerra, que certamente não é o saber absoluto, mas a posição de onde o saber pode revolver efeitos de verdade (Lacan,1966, p.369).

Dito de outra forma, para Lacan, isso quer dizer que somente o sujeito, numa de terminada posição frente a seu dito e, uma vez, tomado por este, é que um certo efeito de verdade poderá transpassá-lo para além desse mesmo dito, proporcionando assim, um surgimento de um dizer que é de outro lugar, ou seja, o lugar do inconsciente. Assim, segundo Dor (1989) sobre os primeiros conceitos lacanianos, que sustentam a hipótese do inconsciente em Lacan:

> (...), podem ser circunscritos já numa primeira abordagem da teoria freudiana do sonho. É principalmente a noção de trabalho do sonho que conduz a isso, ao apoiar-se no funcionamento dos diversos mecanismos do processo primário inconsciente. O trabalho do sonho recorre, principalmente, a dois tipos de mecanismos fundamentais: a condensação e o deslocamento. Freud defrontou-se com a presença ativa desses dois mecanismos a partir de observações empíricas; essencialmente, por um lado, a diferença de "volume" entre o material manifesto e os pensamentos latentes, de outro, a exigência de disfarce do sentido, que intervém ao nível dos pensamentos latentes do sonho (Dor, 1989, p. 19).

Na definição lacaniana, um Significante é o que representa um Sujeito para outro Significante, ou seja, em si mesmo ele nada significa. Assim, tem-se em Saussure a Língua concebida por um Sistema de Signos; em Jakobson, como um Sistema hierárquico de Sistemas de Signos e em Benveniste, a Língua como um Sistema de enunciação. Foi a partir da leitura de Lévi-Strauss que Lacan construiu a tríade Simbólica, Imaginária e Real, atrelando o inconsciente freudiano. Adotando a herança de Freud, Lacan mantém em seu discurso uma constante que atravessa diversas épocas, adotando, segundo Dor (1989), em cada momento de suas teorias, novas precisões, sem nunca tê-las abandonado. Trata-se da referência aos registros de imaginário, simbólico e real. Cada uma dessas três categorias parecem ser autônomas e diferentes das outras, embora estejam presas de maneira interdependente, podem ser assim definidas: no registro do simbólico, o inconsciente é repensado como cadeia de significantes; o registro imaginário está associado ao conceito correlato ao estádio do espelho, conceito desenvolvido por Lacan, refere-se a uma relação dual como semelhante. Este seria o"lugar"do eu, da alienação, das ilusões e, finalmente, o real, caracterizado pela ex-sistência ao imaginário e ao simbólico, compreendido pela modalidade lógica do impossível, o irrepresentável, ou seja, não cessa de se escrever, assim, não podendo ser simbolizado.

ISSN: 2595-1378

Quanto à noção de língua por linguistas como, Jean-ClaudeMilner (1989) e Jacqueline Authier-Revuz (1998) ligados a teorias do discurso e da enunciação, que se ancora em teorias psicanalíticas do sujeito, abrem-se aqui, considerações que, nesta pesquisa serão relevantes quanto ao corpus estudado. No intuito de realizar uma investigação epistemológica, para assim, identificar o movimento de constituição da linguística como seu objeto de estudo, Milner (1987) articula-os à teoria lacaniana sobre o conceito de *la langue.*

A ideia de comunicação entre dois sujeitos falantes é vista, por Milner (1989),como a expressão de que a linguagem é o lugar da impossibilidade para uma compreensão absoluta entre esses dois sujeitos, pois conforme assegura o linguista:

> Supõe-se ao real da língua certo saber, dito "competência", e a este saber um certo sujeito, dito "sujeito falante". O linguista é, simplesmente, aquele que escreve a competência; mas se se trata da sua própria, vê-se que a posição não é simples: o sujeito falante, ponto sem dimensão, nem desejo, nem inconsciente, é propriamente talhado na medida do sujeito da enunciação e é feito para mascarar este último ou mais exatamente suturá-lo; se o linguista funciona como tal, cada enunciado que ele profere como sujeito pode ser, ao mesmo tempo, a ocasião de uma análise, e reciprocamente: a língua materna é, então, despojada sem cessar de seu predicado, mas, em contrapartida, a *alíngua* está sempre em condições de infectar a língua (Milner,1987,p. 27-28).

Dessa forma, o ato de linguagem, como pressuposto da condição da língua, constitui-se em máscara do real ondea *lalangue* se institui. Assim, definindo o lugar da língua nos fatos da linguagem em Saussure, e trazendo a expressão de que a linguagem é o lugar de impossibilidade de compreensão absoluta entre os dois sujeitos, Milner argumenta sobre os anjos não precisarem da linguagem, pois suas almas podem se identificar sem a mediação do corpo.

Para Milner (1987), essa heterogeneidade impossível de ser completamente superada, é o laço que une a língua ao amor, pois no amor como na língua, trata-se de esvaziar o que se pode discernir, ou seja, que os dois se façam um. Dando continuidade à posição de Milner, entra em cena Authier-Revuz (1998), investiga e torna mais ampla a discussão sobre a relação de distanciamento dos sujeitos falantes e seu dizer. Lacan ressalta a parcialidade e a falha do discurso, ou seja, dizer sujeito dividido é o mesmo que dizê-lo sujeito de um saber que ele não sabe e que mesmo assim aparece na fala, procedendo, dessa forma, aos atos falhos, o chiste, o esquecimento.

Assim, tomar a língua como um "Sistema de Signos" é considerá-la como uma organização, visto que, em termos de sistema, apenas interessa a sua lógica interna, o que, na verdade, é recusado por Saussure, não tratar os termos como entidades independentes, tendo por base de sua análise, a relação que os termos determinam entre si. Se tomarmos como exemplo, a relação que os termos estabelecem entre si, pode-se pensar o sistema de parentesco elaborado por Lévi-Strauss, para quem os termos de parentesco são elementos de significação que só adquirem sentido quando se integram

em um Sistema. Seria, pois, um termo, nada valer isoladamente, ou seja, traduzir as relações só seria possível mediante uma terminologia. Como exemplo dessa relação, tomando a palavra 'mãe', ver-se-á que, apenas tem interesse nas relações diferenciais com outras palavras estabelecidas no interior do sistema de parentesco, tais como: avô, pai, tio e irmão.

5 MEMORIAL DE MARIA MOURA, DE RACHEL DE QUEIROZ: UM ROMANCE EM QUE A PALAVRA DIZ MUITO MESMO NO NÃO DITO

Última obra publicada pela escritora cearense, 1992. Nela encontramos a figura de Maria Moura, personagem, de acordo com Gomes (2009) constituída por várias faces, por uns de "Senhora Dona"; por outras "Fora-da-lei"; por sua mãe, "Filha"; por outra, "Mulher". E há a própria visão dela sobre si: um misto sem "força" e "carência". Cada capítulo é nomeado de acordo com o personagem-narrador, isto é, toda a obra é narrada em primeira pessoa. Na visão dos seus protegidos Maria Moura é a representação da fortaleza que ampara e protege os desamparados. Contudo, não deixando de aplicar sua lei quando preciso fosse, pois seus antagonistas a percebem como um obstáculo, algo que não comunga da ordem social e por isso deve ser exterminado. Rachel de Queiroz dedica a obra à Rainha da Inglaterra, Elizabeth I, que havia reinado de 1558 a 1603, como chefe de estado, cujas características inspiraram a escritora a construir Maria Moura.

Os principais personagens do livro *Memorial de Maria Moura* são: Maria Moura, a protagonista, uma mulher forte e independente que busca vingança e justiça após a morte de seus pais; Padre José Maria, um padre amigo de Maria, que a acompanha em sua jornada; Marialva, uma amiga de Maria, com quem ela compartilha suas angústias; Valentim, um capanga leal a Maria, que a ajuda em suas decisões; Bela, uma mulher que se torna amiga de Maria e compartilha seus sonhos; João Rufo, um homem que se torna aliado de Maria; Firma, uma mulher que busca vingança contra Maria; Duarte, um homem que se aproxima de Maria e se torna seu aliado; Rubina, uma mulher que tem um papel importante na vida de Maria; Antônio Muxió, um homem que se torna inimigo de Maria.

Rachel, pontua a autora, (2009), nutre uma admiração tão grande pela Rainha, que confessa ter lido tudo sobre a sua biografia. Maria Moura, a exemplo dessa Rainha Elizabeth I, como assim é comparada, liderou um grupo de homens que, debaixo de suas ordens, executavam os interesses da Rainha, sejam eles econômicos ou territoriais. Até mesmo na própria nominalização que os homens do seu grupo a chamavam, demonstra a concepção que eles a consideravam: Senhora, Dona, Sinhá-Menina. A narrativa dedicada a Maria Moura inicia-se nas primeiras décadas de 1800, numa sociedade patriarcal, que caracterizava a mulher submetida à força do homem, numa demonstração de inferioridade e fraqueza, a de não se governar a si própria. Maria Moura, órfã de pai e, depois, de mãe, transforma-se em uma mulher forte, para a sociedade que se apresenta até então. A primeira voz da

trama é a do padre José Maria, capítulo único que traz o título “O Padre”, daí em diante, os capítulos a ele dedicados têm o título agora de Beato Romano, rebatizado, assim, pela própria Maria Moura. A trama do Beato Romano começa quando ele chega a Casa Forte de Maria Moura, a procura de abrigo e proteção de vida, dessa forma se junta ao bando de Maria Moura, para fugir da culpa de um crime que cometeu em sua última paróquia: matou o marido de sua amante, Isabel. Rejeitada pelo marido e desejando umfilho, ofereceu-se ao sacerdote, que resistiu um pouco, mas terminou seenvolvendo e engravidando-a. O marido volta, esfaqueia-a e mata o bebê deseis meses no ventre da mãe. O padre, ao ver Isabel estraçalhada e o maridoatacandoo com a mesma faca, quebra-lhe um banco na cabeça, matando-o. O padre José Maria chega à Serra dos Padres tendo como argumento eelo entre ele e Maria uma confissão feita no passado, pela então sinhazinha Maria Moura, na paróquia de Vargem da Cruz, como mostra o trecho transcritodo capítulo:— Padre, eu me confesso porque pequei... Cometi um grandepecado... O pecado da carne... Com um homem... O meupadrasto! E o pior é que, agora, eu tenho que mandar matarele... (Queiroz, 1992, p.7).

Com a intenção de construir e manter uma fortaleza, Maria Moura criaum império de poder fruto dos assaltos, saques e roubos que faz junto com oseu bando. Tudo isso lhe resgata o sonho de sinhazinha acalentado naslembranças que guarda do pai durante a infância, quando ocupa, na Serra dos Padres, as terras deixadas pela herança paterna. De sinhazinha à temida Dona Moura da Casa Forte, Maria vai, ao longo dessa trajetória, agregando cada vezmais, homens ao seu bando, além de muito poder material, como joias, dinheiro, ouro, armas, cavalos e alimentos. Maria Moura constrói em torno de sitoda uma estrutura de poder, a maior delas é a Casa Forte, lá ela marca oslimites dessa fortaleza nas fronteiras de outra sociedade, que tem valorese regras ditadas por ela, uma lei, uma “nova ordem” social, lei que impera ajustiça pelo poder.

6 ANÁLISES

Assim, os eixos tratados por Jakobson estão em uma relação de interdependência, que se manifesta no ato de falar, ou no ato de escrever. Trata-se de estabelecer uma combinação entre uma entidade linguística e uma realidade extralinguística em que, a metonímia proporciona um exemplo de um tipo de solidariedade que se estabelece na linguagem entre a relação referencial e o sintagma, no eixo combinatório. Dessa forma, a relação metonímica é uma relação entre objetos, entre realidades extralinguísticas, que tem por base uma relação existente com o referente real, no mundo exterior. A análise do processo metonímico permite confirmar a existência de uma “solidariedade”, entre a função referencial da linguagem e a atividade de combinação num eixo sintagmático. Nesse sentido, a metonímia não cria uma relação inteiramente nova entre os dois termos que associa porque os objetos que estes termos designam em seu sentido próprio estão já relacionados na realidade exterior, antes

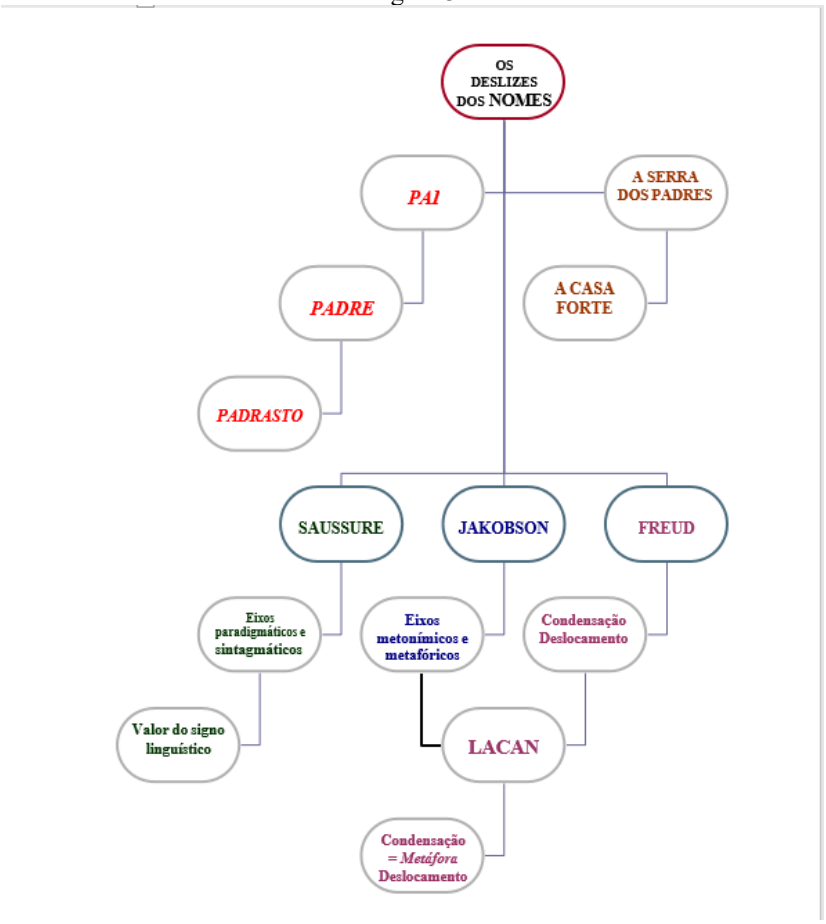
ISSN: 2595-1378

que sejam nomeados. Então, não se trata de uma relação rigorosamente objetiva, considerando-se que a linguagem não pode ser uma cópia direta da realidade existente; supõe, sobremaneira, uma interpretação intelectual. Uma das qualidades de um romance é a possibilidade de por ele percebermos certos fatos do mundo real. O romance, de acordo com a perspectiva do leitor, pode vir aclara aquilo que esteja oculto, e ele vem nos aclarar o olhar sobre determinadas circunstâncias da vida. Ele, no mínimo, faz com que tenhamos outra concepção das coisas do mundo.

Com relação aos nomes das personagens no romance Memorial de Maria Moura, podemos dizer que tal relação desempenha um papel importante na própria geração do texto, no próprio ato de fazer a obra, é como se os nomes não se limitassem a índices ou mesmo a meros elementos alegóricos, os nomes deslizam-se uns nos outros, são os efeitos de sentido que tais nomes produzem dentro da narrativa e não a intenção do autor de nomeá-la dessa ou de outra maneira. Conforme Almeida (1989), sobre significante e significado, o autor diz que, ao transmitir ideias a outros, as palavras, chamadas signos linguísticos apresentam sempre dois elementos: os sons que os compõem e a ideia que transmitem. À sequência desses sons tidos como elemento auditivo, dá-se o nome de significante ou signo linguístico e à ideia que é associada a esse signo, o significado da palavra. Assim, o conjunto desses acontecimentos permite dizer que, a cultura e a fala proporcionam uma série de recursos, respectivamente, em situações reais. Segue um esquema de nossas análises as quais coadunam a Linguística e a Psicanálise lacaniana:

ISSN: 2595-1378

Figura 3



Fonte: a autora.

Dessa forma, por exemplo, uma sequência como /j/o/s/é/ poderá ser, inclusive, uma vaga relação com nome tipicamente brasileiro, o Pai de Jesus, por exemplo, tornando /j/o/s/é/, ao mesmo tempo, particularizado e polissêmico, unívoco e plurivalente. O fato de dar um nome próprio e uma personalidade a cada personagem interfere seriamente na compreensão inconsciente desse simbolismo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de Roman Jakobson (1990) concernentes aos processos metafóricos (similaridade) e metonímicos (contiguidade) proporcionam na estrutura textual a relação semântica uma vez que os significantes deslizam mutuamente. Jakobson, através desse estudo, salienta que tal relação é pertinente a toda natureza textual, seja ela de caráter científico seja poético (literária). Assim, no caso da respectiva obra de Rachel de Queiroz, percebemos que os significantes onomásticos guardam significações muito mais do revelam aparentemente. No caso dos nomes próprios, normalmente, consideram que são termos singulares por oposição aos nomes comuns, resguardadas, assim, as devidas diferenças com as quais essa particularidade é desenvolvida teoricamente por cada autor: Quando empregados, os nomes próprios identificam os seus referentes, não os descrevendo em termos

de uma propriedade relevante que o nome denota, mas utilizando a associação única e arbitrária entre um nome próprio e o seu portador (Lyon, 1977, p. 176).

Sintetizando a questão, poderíamos afirmar que são as funções características dos nomes próprios: a referencial e a vocativa. A função referencial pode decorrer de um ato de "chamar a atenção do interlocutor para a presença da pessoa que se nomeia ou para lembrar ao ouvinte a existência dessa pessoa" (Lyon, 1977, p. 178). A função vocativa decorre do ato de atrair a atenção da pessoa que está sendo chamada pelo nome. A "enunciação vocativa de um nome próprio" foi considerada por Granger (1982) como uma forma de interpelação virtual que só pode aparecer numa relação entre um enunciado e suas circunstâncias de enunciação. Ou seja, ao ouvir um nome, alguém se reconhecerá como referente desse nome.

Nesse sentido, quando se entrecruza a Linguística, a Literatura e a Psicanálise neste trabalho procuram-se estabelecer um diálogo entre conhecimentos diferentes, fazendo com que esses mesmos conhecimentos saiam de um lugar mais estreito para outro mais abrangente, buscando compreender a realidade de forma mais ampla, mostrando que, a função da interdisciplinaridade é estender uma ponte entre o momento identificador de cada unidade básica de conhecimento e o necessário corte diferenciador, tendo em vista não se tratar de um simples deslocamento de conceitos, sejam eles linguísticos, literários ou psicanalíticos, ou de empréstimos teóricos e metodológicos, mas sim de uma recriação conceitual e teórica.

Sendo assim, é necessário que a investigação científica seja, a priori, uma construção racional aberta, não excluindo do mundo sensível o mundo inteligível. Assim, as teorias científicas de que se apropria esse estudo, constituem-se, processualmente, na unidade e no máximo de abertura ao real, pois é possível mencionar exemplos em domínios distintos como a Linguística, a Literatura e a Psicanálise, resgatando assim, a compreensão de que “o conhecimento não pode ser dissociado da vida humana e da relação social” (Morin, 1987, p. 21, possibilitando aos elementos, explicações recíprocas, visto que, a interdisciplinaridade é a aplicação de conhecimentos de uma disciplina ou áreas em outra ou outras disciplinas e áreas, como é o caso neste trabalho. Sendo assim, conhecimentos de Linguística podem ser úteis em Literatura e esta em Psicanálise em qualquer disciplina.

ISSN: 2595-1378

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Palavras incertas: as não-coincidências do dizer. Campinas: UNICAMP, 1998.

BENVENISTE, E. Da natureza dos pronomes. In: Problemas de linguística geral I. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995.

BRETON, P. A manipulação da palavra. Trad. Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola, 1999.

GOMES, MJP. Língua, sujeito e enunciação em "Memorial de Maria Moura": deslizamentos metonímicos e metafóricos, 2009.

JAKOBSON, R. Linguística e Comunicação. Trad. De Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. Cultrix: São Paulo, 1985.

LESSA, E. Memorial de Maria Moura. O Globo. Rio de Janeiro, 16 nov, 1992.

MILNER, J. O Amor da Língua. Trad. Ângela Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 12a ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

QUEIROZ, R. Memorial de Maria Moura. São Paulo: Siciliano, 1992.